

COMBATE SOCIALISTA

2026 | N° 219 | Primeira Quinzena de Setembro



Jornal da Esquerda Revolucionária e
Independente

Valor R\$ 2,00 | Contribuição solidária R\$ 5,00

DERROTAR TRUMP E BOLSONARO!



A FRENTE AMPLA DE LULA NÃO É SOLUÇÃO!



VOTE NA ESQUERDA INDEPENDENTE!

PROPOSTA PARA A
JUVENTUDE
pág. 3

LUTA
SOCIOAMBIENTAL
pág. 5

OCUPAR AS RUAS PELA
LEGALIZAÇÃO DO ABORTO
pág. 8

VEM COM AS FEMINISTAS SOCIALISTAS REVOLUCIONÁRIAS DA CST
pág. 6 e 7

A posição da CST nas eleições

As eleições começaram. A CST denuncia toda e qualquer ação da Casa Branca e das Big Techs para interferir em nossas eleições. IAs orientavam votos em candidatos, contrariando normas do TSE. Donald Trump apoia Flávio Bolsonaro e utiliza tarifas como instrumento político. Os que protagonizam holocausto em Gaza, agressões militares ao Irã e a invasão da Venezuela não podem avançar sobre o Brasil e a América Latina. Exigimos da CUT, CTB, MTST, as Frentes Brasil Popular e Sem Medo, que construam mobilizações contra o tarifação e a ingerência dos EUA e organizem um novo “Ele Não”.

O governo Lula/Alckmin não luta contra Trump

As maiores lideranças progressistas, o presidente Lula e a frente ampla do PT, PCdoB, PSOL, REDE, e os empresários que com ele estão aliados, não combatem a ingerência imperialista. Lula aposta em negociações com Trump. Isso é absurdo. Não há diálogo possível com a ala fascista do imperialismo. A única saída é a mobilização para derrotar Trump. No plano interno, destinou R\$ 13,5 bilhões do Plano Brasil Soberano para empresas, sem exigir contrapartidas de manutenção dos empregos. Nós exigimos estabilidade no emprego! Nenhuma empresa que receba recursos públicos pode demitir!



TARIFAÇÃO

governo define R\$ 13,5 bilhões em crédito para empresas afetadas por tarifação e conflitos

VAROS

Fortalecer as lutas ambientais e feministas

A Marcha pelo Clima e os atos do Dia Latino-Americano e Caribenhos de Luta pela Descriminalização e Legalização do Aborto vão dar o



clima do mês de setembro. Colocam nas ruas setores fundamentais das lutas ambientais e feminista. A luta contra a catástrofe climática e socioambiental e a luta das mulheres contra a violência masculina, os red pills, as pautas LGBTQIA+ e o direito de decidir sobre nossos corpos podem se unificar. São batalhas que enfrentam as multinacionais e grandes empresas, governos e instituições patriarcais que sustentam essa ordem capitalista. E podem expressar solidariedade com as lutas indígenas contra a Bela Sun (no Xingu), contra a repressão aos Tembés (no Acará), dos Anacés contra os data centers (Ceará).

Unificar as campanhas salariais e lutas

As campanhas salariais, como a dos Correios, recolocam em primeiro plano a disputa por salários, empregos e condições de trabalho. A paralisação nacional dos bancários e a greve dos ferroviários de SP contra as privatizações mostram disposição de luta para enfrentar ataques. As mobilizações pelo fim da escala 6x1 expressam a necessidade de combater a superexploração. Os trabalhadores de aplicativos vão fazer novo breque para exigir seus direitos e uma Medida Provisória



para instituir uma taxa mínima por entrega. Precisamos fortalecer esses movimentos, buscando sua unificação. Exigimos da CUT, CTB, Força e UGT que saiam do marasmo, unifiquem as campanhas salariais e a convocação de uma plenária nacional de organização das lutas populares.

Votar na esquerda independente

Ao lado das lutas unificadas, a CST defende uma verdadeira esquerda. Pedimos seus votos à nossas companheiras Bárbara Sinedino (RJ) 1660, Lorena Fernandes (SP) 1660 e Mariza Santos (PA) e 1660. Herzt Dias e Vanessa Portugal para a Presidência 16. A CST chama o voto nos governadores e senadores do PSTU.

As eleições são uma tribuna para denunciar a falsa democracia dos bilionários, fortalecer as lutas e construir uma alternativa independente, sem patrões. Por isso, colocamos nossa campanha a serviço das greves, das campanhas salariais e das lutas feministas, ambientais, indígenas, negras e LGBTQIA+. Não queremos uma esquerda atrelada ao governo Lula/Alckmin e seu arcabouço fiscal, aliada aos patrões e ao Plano Safra, nem que faça concessões ao Centrão. Somos socialistas revolucionários, independentes dos governos, dos patrões e do imperialismo, que enfrentam Trump e a extrema direita. Defendemos salários, empregos, serviços públicos, redução da jornada sem redução salarial (veja páginas centrais). Com nossas candidaturas, queremos dar voz às lutas e ajudar a construir uma alternativa política da esquerda independente. Por um governo da classe trabalhadora, sem patrões, e um Brasil socialista.



EXPEDIENTE:

Publicação da Corrente Socialista de Trabalhadoras e Trabalhadores - CST

www.cstuit.com

Seção no Brasil da UIT-QI (Unidade Internacional de Trabalhadoras e Trabalhadores - Quarta Internacional) -

www.uit-ci.org

Conselho Editorial: Claudia Gonzalez, Rosi Messias, Adriano Dias, Michel Oliveira, Mariza Santos, Danilo Bianchi e Lorena Fernandes.

Capa e contracapa: Isis Reis

Diagramação: Rana Agarriberri

Correção e Tradução: Lucas Schlabendorff, Stéfani Bender, Denis Rosa e Rômulo Lourenço

Sede Nacional: Rua Galvão Bueno 714, 1º andar, São Paulo, SP. Danilo

(11)983175337 - E-mail: combatesocialista@gmail.com

Rio de Janeiro: Rua Alvaro Alvim, nº 48, sala 703. Whatsapp (21) 97933-7558

Niterói: Laís Sathler (21)97351-1926

Pará: Mariza (91)87456186

Belo Horizonte: Rua São Paulo, 409, Sala 808, Centro. Edivaldo (31) 98245-0794.

Uberlândia: Jeane (34)99884-0345

Rio Grande do Sul: Felipe Quevedo (51)98542-1516

Governo Lula propõe arrocho no salário e benefícios nos correios

Construir a greve nacional da categoria ecetista!

ADRIANO DIAS - COMBATE – CORREIOS

O governo Lula e a direção dos correios apresentaram na mesa de negociação da campanha salarial dos correios uma proposta absurda de 0,87 % de reajuste no salário e benefícios, de praticamente acabar com assistência do plano de saúde e os 70% de férias, além de outras medidas.



Essa proposta segue a lógica do arcabouço fiscal do governo, que corta no essencial para manter os privilégios dos banqueiros, do agronegócio e dos empresários. Nos correios essa política de ajuste está sendo aplicada via a desestruturação/ reestruturação da estatal e quem está pagando essa conta são as trabalhadoras e trabalhadores ecetistas.

O centro desse brutal ajuste fiscal é atacar o salário, benefícios importantes, como o plano de saúde, hoje precarizado e gratificações. Reduzir o quadro de pessoal, via PDV, acabar com o carteiro pedestre e aplicar profundas mudanças na estrutura e patrimônio da empresa através do fechamento e venda das unidades. Não temos dúvida que a



reestruturação/desestruturação dos correios é uma preparação para a privatização e por isso tem que ser derrotada.

A categoria rejeitou essa proposta e o governo e a direção dos correios covardemente saíram da mesa de negociação e entraram com um pedido de mediação do TST. Uma postura inaceitável que demonstra uma disposição de enfrentamento à categoria.

As direções têm que construir a greve

Após a rejeição de forma unânime da proposta do governo nas assembleias realizadas no dia 25/08, a categoria aprovou um indicativo

de greve para o dia 10/09. Aqui cabe um ponto de inflexão. Diante da intransigência da empresa e a sua tentativa de judicialização do ACT (Acordo Coletivo de Trabalho) seria necessário antecipar as assembleias e a greve para responder mais rapidamente a essa política intransigente.

Exigimos que as direções das duas federações e sindicatos (FINDECT/ FENTECT, CUT, CTB, artsind-PT e PCdoB) construam de verdade o indicativo de greve via panfletagens, visita nas unidades, reuniões de delegados sindicais. Preparar uma forte greve nacional unificada com comandos democráticos e mobilização em cada local de trabalho.

Não aceitaremos a falta de indepen-

dência política dessas direções em relação ao governo Lula.

Defendemos ainda que a direção das grandes centrais sindicais, como CUT e CTB, apoiem a categoria ecetista e que busquem a unidade com outras categorias como bancários que também estão em campanha salarial.

Por uma forte greve nacional

É fundamental construir uma forte greve nacional. Foi o movimento paredista no final do ano passado que impediu o reajuste zero e outros ataques no ACT atual que hoje deixaria o nosso salário congelado. Temos que lotar a assembleia do dia 10/09, rejeitar a proposta do governo e aprovar iniciar a greve sem deixar espaço para a enrolação da categoria.

É só na luta que poderemos conquistar aumento real de salário e nos benefícios, manutenção da assistência à saúde, dinheiro para os correios e não para os banqueiros e derrotar a política de desestruturação da empresa aplicada por Lula/Rondon.

Seguir nas ruas pelo fim da 6x1!

EDIVALDO DE PAULA - COORDENAÇÃO DA CST

Brasil vive agora um momento de maior abertura do debate político em meio as eleições, e uma pauta que tem sido levada a mesa dos trabalhadores e trabalhadoras é o fim da escala 6x1! Por um lado, a Extrema-Direita tem se colocado desde sempre a frente da defesa das grandes indústrias e empresas e são contra o fim da escala, já os candidatos da Frente Ampla falam a favor, mas a verdade é que em 4 anos de mandato de Lula nada mudou em relação a isso.

A escala 6x1 faz parte da rotina de um em cada três trabalhadores brasileiros com carteira assinada. Ao mesmo tempo, quase 80% da população defendem o fim desse regime. Mesmo após a Câmara dos Deputados aprovar a proposta há três meses, a mudança ainda não foi efetivada. Em nossa

opinião porque o governo Lula (PT) colabora com os empresários e as grandes centrais do país (CUT/CTB/Força Sindical/UGT) também deram uma trégua a burguesia e só foram chamar alguma mobilização para 30/08, por isso, nós exigimos que as grandes centrais, as frentes FPSM e FBP chamem uma jornada de lutas para enterrar de vez a 6x1!

Todo apoio ao breque dos apps do dia 01/09!

No dia 01/09 foi feita mais uma mobilização dos trabalhadores de aplicativos, a categoria que tem exigido do governo Lula desde o começo do mandato medidas que visem regulamentar e mudar a situação dos trabalhadores. Não é segredo que essas funções tem

crescido cada vez mais, mas o custo da atividade tem sido um empecilho para os trabalhadores, segundos dados do TST, o custo médio das atividades é em torno de 5 mil reais/mês e o ganho médio por 44 horas de trabalho é de 2.500 reais, a conta não fecha. Os entregadores lutam por regulamentação de sua atividade, bem como exige do governo o envio de uma MP que estabeleça uma taxa mínima de pagamento, piso de remuneração, e também melhores condições, o fim do bloqueio unilateral das contas dos entregadores entre outras demandas. Todo apoio ao breque dos apps!

GREVE DOS ENTREGADORES



@TONDABOSTINHO

Propostas que a juventude revolucionária Vamos à Luta defende nas eleições

JEANE CARLA - JUVENTUDE VAMOS À LUTA

ISADORA BUENO - JUVENTUDE VAMOS À LUTA E ESTUDANTE FEUSP

A vida da juventude tem piorado: empregos sem direitos; salários baixos; escala 6x1; cortes na educação; assistência estudantil irrisória; chacinas e operações nas favelas; LGBTQIA+fobia contante e o brutal aumento de feminicídios.

Nós, da Juventude Vamos à Luta e da CST, apresen-tamos, para as eleições e as lutas, um programa para mudar radicalmente a vida da juventude. É isso que defendemos! Vem batalhar por essas ideias com a gente!

Educação

Lutamos pela revogação imediata e completa do NEM. O último projeto aprovado é apenas um remendo, que não muda a política. Batalhamos contra os planos da extrema direita para a educação: Fora Nikolas Ferreira da Comissão de Educação e o fechamento de salas, privatização e militarização de Tarcísio! Abaixo aos reitores interventores! Reitor eleito, reitor empossado!

A educação precisa de investimentos: fim do Arcabouço Fiscal e das parcerias público-privadas nas escolas, não ao pagamento da Dívida Pública, contra os cortes e que os 10% do PIB sejam revertidos para a educação! Defendemos aumento do valor do Pé de Meia, ampliação das bolsas de pesquisa e extensão nas escolas, reajuste de todas as bolsas com reposição das perdas inflacionárias, que todos os estágios sejam dignamente remunerados, mesmo os obrigatórios e passe livre já para toda a juventude! Para lutar por tudo isso, precisamos de entidades combativas e independentes dos governos, reitorias e diretorias! Por novas direções para a UNE, UBES e ANPG!

Trabalho

Os capitalistas jogam a conta da crise em nossas costas e os governos servem à precarização do trabalho, regulamentando a informalidade; por isso defendemos: fim da escala 6x1, chega de uberização, superexploração e informalidade!

Remuneração de pelo menos um salário mínimo no Menor Aprendiz, não ao trabalho gratuito das empresas privadas que fazem parceria com os estados e prefeituras para nos explorar! Não ao projeto do trabalho infantil! Avançaremos com unidade operário-estudantil: unidade das lutas da juventude com a classe trabalhadora!



Ambiental

Hoje temos uma luta central: o direito ao futuro para nós que somos jovens. Não existe planeta B! Exigimos que se declare emergência climática já! Por medidas proporcionais ao El Niño. Dispensa da escola nos dias necessários com alerta climático. Por climatização nas escolas e universidades. Os capitalistas e governos são responsáveis, por mobilizações permanentes para enfrentá-los: juventude nas ruas contra a catástrofe ambiental capitalista!



Saúde mental

Nós somos a geração com maior incidência de depressão, ansiedade e adoecidas mentalmente, precisamos lutar contra as causas desse adoecimento da juventude. Para isso, reivindicamos: fortalecimento do SUS, enfrentamento às opressões e ao bullying nas escolas! Pelo direito ao lazer sem repressão! Não podemos pagar a conta da crise! Por redes de apoio à saúde mental em todas as escolas!

Antirracista

Os jovens negros e de quebrada sentem na pele a perseguição, o racismo e a tentativa de sequestro do futuro e dos sonhos. Para garantir um Brasil antirracista, defendemos: Direito ao lazer! Contra a repressão policial nos bailes de favela! Pela legalização das drogas e pelo fim do encarceramento e das chacinas contra a juventude negra! Fim da PM! Contra a internação compulsória de pessoas em situação de rua e/ou usuários de álcool e outras drogas!

Mulheres

As meninas e mulheres jovens sentem ainda mais profundamente a crise capitalista: temos mais estudos e estamos nos piores tramos ou somos as primeiras a ser demitidas. Somos assediadas e vivemos com medo no trabalho, escolas e universidades. Precisamos de garantias para estudar, trabalhar e circular pela cidade em paz: Por protocolos de enfrentamento ao assédio sexual e moral nas escolas e universidades! Além disso, exigimos: Educação sexual nas escolas com perspectiva de gênero já na BNCC e

LDB! Criança não é mãe! Punição a todos violentadores de gênero! Seguir nas ruas pela legalização do aborto! Distribuição de absorventes em todas as escolas!



Dissidências

Os LGBTQIA+ são diariamente expulsos das escolas e universidades e obrigados a se esconder no trabalho. No caso das pessoas trans, evadem desde muito cedo e são jogadas para os piores postos de trabalho e, frequentemente, para a prostituição. Assim, exigimos: enfrentamento à LGBTQIA+fobia nas escolas! Os governos são responsáveis pelas nossas mortes e insegurança, é preciso garantir melhores condições! Ter documentos com a identidade de gênero respeitada e sem marginalização de sexualidades dissidentes é condição basal para a dignidade: Por respeito ao nome social nas escolas e universidades sem necessidade de autorização dos responsáveis; pela garantia de retificação do gênero também fora da binariedade; por exclusão completa dos termos “pai” e “mãe” dos documentos oficiais e troca por “filiação” (para assegurar os direitos de famílias compostas por LGBTQs); por formação continuada de trabalhadores da educação para acesso da escola de maneira plena; por programas de enfrentamento à LGBTQfobia nas escolas e universidades. Por cotas para pessoas trans e travestis em escolas técnicas, universidades e concursos!

Socialismo e ant imperialismo

Por um governo da classe trabalhadora e da juventude pobre, sem patrões! Pelo fim do genocídio operado por Israel e orquestrado pelo imperialismo! Por uma Palestina livre, laica, democrática e não racista! Fora Trump e o sionismo da América Latina! Enfrentar a extrema-direita no Brasil e no mundo!



Estão convocadas para o mês de Setembro as Marchas pelo Clima em todo o planeta. O Combate Socialista conversou com Renato Cinco, ativista da Coalizão pelo Clima, para conhecer melhor esse movimento e propagar a Marcha.

CS: De onde surgiu a ideia da Marcha pelo Clima?

Renato Cinco: As Marchas pelo Clima surgiram em 2007 por iniciativa de uma ONG chamada 350.org, no contexto da realização da COP daquele ano e tinha como objetivo principal lutar para que os gases de efeito estufa não ultrapassassem 350 partes por milhão na atmosfera. No Brasil as marchas acontecem desde então e o ponto alto foi 2019, quando os incêndios florestais no país tomaram uma proporção alarmante e dezenas de milhares de jovens foram às ruas especialmente no Rio de Janeiro e em São Paulo. Infelizmente quase 20 anos depois da primeira marcha, ultrapassamos em muito as 350 ppm e hoje, com cerca de 450 ppm é impossível evitar o aquecimento de dois graus conforme estabeleceu o Acordo de Paris.

CS: Qual é a importância da marcha no contexto da crise climática?

RC: A crise climática é parte do colapso das condições ambientais de reprodução do capitalismo. É um momento gravíssimo da história da humanidade porque é uma verdadeira crise civilizacional. E é muito importante a gente entender que o capitalismo, qualquer tipo de capitalismo neoliberal, é incapaz sequer de começar a responder adequadamente ao colapso ambiental. Isso decorre do fato de que a natureza do capitalismo é intrinsecamente expansionista. Para o capitalismo funcionar e a expectativa de lucro da burguesia se realizar é necessário



que a economia esteja perpetuamente em crescimento.

Qualquer ameaça ao crescimento da economia gera crise econômica, política e social. Portanto, nenhuma medida que possa realmente enfrentar o colapso ambiental é aceitável para o capitalismo. Por exemplo, o capitalismo não pode abrir mão de estimular o consumismo e o desperdício. O capitalismo não pode abrir mão da obsolescência programada e nem de uma indústria da alimentação que destrói o planeta e a saúde das populações. Então, a Marcha pelo Clima está inserida num contexto onde a única solução que pode salvar a humanidade da extinção total é a superação do capitalismo através de um processo revolucionário. Sabemos que o capitalismo não "morre de morte morrida", mas somente através da luta revolucionária da classe trabalhadora. Portanto, cabe aos revolucionários apoiar as lutas da classe trabalhadora e dos demais oprimidos e oprimidas buscando radicalizá-las. Buscando construir condições objetivas para o processo revolucio-

nário. Ao ir às ruas, a Marcha pelo Clima procura colaborar para a tomada de consciência da classe trabalhadora sobre a urgência, a gravidade e a profundidade do colapso ambiental. Disputar a consciência das massas, contra o negacionismo tosco da extrema direita e o negacionismo sutil da esquerda da Ordem, é fundamental para que a classe trabalhadora e seus aliados compreendam que historicamente a superação do capitalismo sempre foi uma condição para a emancipação das trabalhadoras e dos trabalhadores hoje é fundamental para sobrevivência da nossa espécie e de inúmeras outras que habitam nosso planeta.

CS: Como está a mobilização para a marcha?

RC: No momento em que estamos conversando, a Marcha pelo Clima está confirmada no Rio de Janeiro e em mais sete cidades. E este número ainda pode crescer na próxima semana. A marcha pelo clima é organizada de forma autônoma em cada cidade, inclusive na definição das palavras de ordem e pauta. No Rio de Janeiro o tema deste ano será "El Niño com capitalismo é pior" e a Marcha acontecerá no dia 20 de setembro com concentração a partir das 14:00 no posto 1 no Leme.

CS: Como você avalia a política ambiental do governo Lula?

RC: A política Ambiental do governo Lula é a síntese perfeita do que chamamos de negacionismo sutil. O governo faz excelentes discursos a respeito do meio ambiente e da necessidade de enfrentarmos o problema. Porém,

na prática este é um governo ecocida, pois tem como objetivo aumentar a exportação de grãos, gado e minério. E para tanto, precisa investir em infraestrutura altamente destruidora do meio ambiente, como por exemplo, a pavimentação da BR 319 e a Ferrogrão. Ao mesmo tempo, o governo investe muito pouco na fiscalização do agronegócio e da mineração e ainda financia o latifúndio com centenas de bilhões de reais por ano através do Plano Safra.

CS: Você quer deixar um recado final para nossas/os leitoras/as?

RC: Vivemos o momento mais perigoso da história. Perder a batalha contra o capitalismo representa perder a batalha pela vida. Em plena campanha eleitoral e somos, a esquerda radical, permanentemente pressionados com a chantagem de que criticar o Lula favorece o fortalecimento das candidaturas de direita. Porém, deixar de fazer as críticas necessárias por um lado favorece a extrema direita porque deixa para ela o monopólio das críticas e a capitalização do sentimento anti sistema, mais do que justo da classe trabalhadora. E por outro lado, deixar de esclarecer a população sobre as consequências de continuarmos a destruir nossos biomas em nome do lucro de poucos, nos mantém num caminho ainda mais perigoso do que a Extrema direita que é o caminho da aceleração e do agravamento do colapso ambiental no país. Por isso, precisamos apoiar candidaturas anticapitalistas, revolucionárias e comprometidas com o enfrentamento do colapso ambiental, como a candidatura da companheira Bárbara Sinedino a deputada federal pelo Rio de Janeiro.



Vem com a Esquerda independente!

No RJ vote Bárbara Sinedino 1660 – Deputada Federal

BÁRBARA SINEDINO – CANDIDATA A DEPUTADA FEDERAL NO RJ

Lançada no dia 15/08, véspera do início da campanha, nossa candidatura reuniu no Partisan (importante espaço de resistência e enfrentamento em defesa da Palestina) históricos dirigentes, como Babá, dirigente da CST e Renato Cinco, ex-vereador da cidade do Rio de Janeiro e ativista da Coalizão pelo Clima. Estiveram presentes também dirigentes da Emancipação Socialista, Trog Perruso do MFSR, ativistas do Coletivo Feminista Combativas, Silvio Sinedino, ativista petroleiro, trabalhadoras/es dos correios,

servidoras e servidores técnico-administrativos da UFF e da UFRJ, jovens universitários, professoras, professores e funcionários das redes públicas do estado e município.

Contamos com a participação do PSTU (Partido Socialista dos Trabalhadores Unificados) na presença do Ciro Garcia candidato a governador e Paula Falcão candidata ao senado.

O lançamento da candidatura deu o tom de nossa campanha: uma batalha pela unidade da esquerda independente para afirmar um programa de independência de classe frente aos patrões, aos banqueiros e ao agronegócio.

Nesta primeira quinzena da campanha, fizemos atividades e panfletagens em praças públicas, feiras e locais de grande circulação. Nas agitações priorizamos pautar a luta feminista de combate aos feminicídios, por educação sexual com perspectiva de gênero nas escolas e para mobilizar a campanha pela criminalização da misoginia através do abaixo assinado pela votação do PL 896/23.

Estivemos presentes nos arredores das universidades públicas: UNIRIO, UFF e UFRJ para defender o fim do arcabouço fiscal e mais verbas para a educação, por assistência, reajuste



das bolsas e em defesa das cotas trans. Na UFF se formou um comitê impulsionado pelas/os técnicas/os da universidade que fizeram a importante greve que cobrou do governo Lula/Alckmin o cumprimento do acordo da greve de 2024.

No IFCS, estivemos junto as/os camaradas da Emancipação Socialista que representam um importante apoio à nossa candidatura. Nesta ocasião divulgamos nossos materiais e participamos da assembleia que debateu o grave caso de racismo e agressão protagonizado por um estudante trajado com referências ao Nazismo. Seguiremos nessa mobilização, colocando nossa campanha à disposição do enfrentamento à extrema direita, ao nazismo e ao racismo, que precisa ser duramente punido e expurgado. Denunciamos a postura inadmissível da direção do IFCS que equipara a violência racista e nazista aos estudantes que agiram em legítima defesa contra as agressões.

Nas proximidades do edifício sede dos Correios dialogamos com carteiros, atendentes e trabalhadoras/es do setor administrativo que estão em campanha salarial se enfrentando com a proposta de reestruturação da empresa. Nossa campanha apresenta uma alternativa à Frente ampla que governou os últimos 4 anos priorizando os compromissos com a dívida pública aos banqueiros e não atendeu às reivindicações dos trabalhadores dos correios. As/os trabalhadoras/es dos correios aprovam indicativo de greve a partir de 10/09 e estaremos apoiando essa luta.

Dia 20/08 participamos da plenária de mobilização da Marcha pelo Clima, (veja página 05: entrevista ao Renato Cinco), onde denunciávamos a extrema direita negacionista e a política de Lula que destinou mais de 500 bilhões de reais para o agronegócio através do plano Safra, autorizou a perfuração de Petróleo na Foz do Amazonas, manteve o marco temporal, não demarcou terras indígenas e não investe verbas em políticas de proteção ambiental e de emergência

climática. Assim, nos preparamos para a marcha pelo clima, que acontecerá em 20/09.

Nossa campanha está à serviço de apresentar uma alternativa para a classe trabalhadora e para a juventude, que enfrente a extrema direita e a frente ampla, colocando as pautas da nossa classe e a necessidade de organizar as lutas, como o fim da escala 6x1. Somos parte da convocação e participação ativa dos protestos convocados pelas CUT, CTB, FBP e FPSM e exigimos dessas direções a continuidade da mobilização nas ruas até acabar com a jornada 6x1.

Em todas as atividades da campanha divulgamos e convocamos para votar no 16, Hertz presidente e Vanessa vice. No RJ, estamos na campanha da Paula Falcão Senadora e de Ciro Garcia Governador, para enfrentar a crise política que levou mais de quatro ex-governadores à prisão por crimes de corrupção. Para acabar com as operações policiais na favela e em defesa do funcionalismo estadual, é possível uma alternativa a Douglas Ruas (candidato de Bolsonaro) e Eduardo Paes, (figura clássica da direita no RJ, parte da crise política histórica no estado), atual candidato do Lula.

Nas próximas semanas, nossa campanha seguirá ativa apoiando as lutas da classe e realizando rodas de conversa. Se você se identificou com a nossa campanha, ajude a multiplicar nossas ideias, divulgue nossos materiais e participe das atividades!



SAVE THE DATE
Vem aí:

**05/
SET**

RODA DE
CONVERSA EM
CAMPO GRANDE
COM
PROFESSORAS/ES
E FUNCIONÁRIAS/
OS DE ESCOLAS
PÚBLICAS

**17/
SET**

RODA DE
CONVERSA NA
UNIRIO

**A
CONFIRMAR**

RODA DE
CONVERSA NA
UFF E RODA DE
CONVERSA
FEMINISTA



A esquerda independente nas eleições paulistas

DANILO BIANCHI - COORDENAÇÃO NACIONAL DA CST

Inciadas as eleições de 2026, vemos mais uma vez a falsa democracia dos ricos em funcionamento. Os candidatos dos “grandes” partidos disputam bilhões do dinheiro público para financiar suas campanhas, contam com amplo espaço para expor suas ideias nos debates e na grande mídia, fazer promessas e alimentar a demagogia, enquanto os problemas da classe trabalhadora seguem sem solução. Já os candidatos independentes, vin-culados à classe trabalhadora, são propositalmente excluídos e margi-nalizados pelo regime dos ricos e seus agentes.

Em São Paulo, começa a batalha contra mais quatro anos do nefasto governo de extrema direita de Tarcísio, fanático das privatizações e responsável pela entrega de serviços públicos, como o Metrô e a CPTM, marcados por tragédias recorrentes. A mira também está sobre a educação, com projetos de privatização das escolas e ataques aos professores, aprofundando a precarização e colo-



cando São Paulo em posições vergonhosas nos índices educacionais do país, enquanto os empresários aliados de Tarcísio surfam em grandes faturamentos promovidos pelas privatizações.

Por outro lado, o PT, principal partido de oposição no estado, aposta em Haddad para derrotar Tarcísio. Estacionado nas pesquisas, tem dificuldade em denunciar o nefasto governo da extrema-direita, pois infelizmente o PT, desde o governo Lula realiza parcerias nos planos privatistas, como no caso dos leilões de escolas financiados com dinheiro do BNDEs, mostrando a afinidade do projeto de Haddad com os planos da Faria Lima, mesmo diante das escandalosas privatizações da Enel e da Sabesp, o candidato do PT não defende a reestatização e se limita a prometer uma “revisão” dos contratos.

Nós da CST estamos do outro lado da trincheira, defendendo candidaturas da classe trabalhadora, sem burgueses e sem patrões. Mesmo diante da farsa do regime democrático, que privilegia candidaturas alinhadas aos interesses dos ricos, entendemos ser fundamental apresentar uma alternativa de fundo para nossa classe,

com independência e consciência de classe.

Por isso, a partir de nossa candidata a deputada federal em São Paulo, Lorena Fernandes 1660, estamos com a candidatura da companheira Vera Lúcia, do PSTU, ao governo do estado de SP: uma mulher negra, operária e socialista, que já pontua nas pesquisas, apesar do boicote do regime dos ricos.

Para o Senado, vamos com o operário meta-lúrgico e importante dirigente Weller Gonçalves e com a advogada aliada dos trabalhadores, Dra. Eliana Ferreira.

Cada voto na esquerda independente é um voto real para fortalecer a luta das trabalhadoras e dos trabalhadores e nossas propostas por outro futuro: socialista e com um verdadeiro governo dos trabalhadores.

No Pará vote nas candidaturas da esquerda independente!

MARIZA SANTOS – DIREÇÃO DA CST/ CANDIDATA A DEP. FED. 1660

A campanha da esquerda independente começa a entrar no ritmo no Pará. Nossa candidata ao governo do estado é a Well Macedo, jornalista, educadora social e o vice é o Seu Alex, trabalhador da construção civil, e convocamos a votar na chapa 16 (PSTU). Nossa candidata para deputada federal é Mariza Santos 1660, que se apresenta para ajudar a derrotar a oligarquia dos Barbalhos, Hana, e a extrema direita dos Bolsonaro, do Éder Mauro e do Dr. Daniel.

Também afirmamos que governar com os patrões não é a saída. Não apoiamos a chapa da frente ampla de Lula e Alckmin, porque não governou para a classe trabalhadora. Estamos lutando pelo fim da escala 6x1 que ainda segue no senado, porque Lula não revogou a reforma trabalhista do Temer. Aplica o arcabouço fiscal que retira verbas das áreas sociais para favorecer os banqueiros e pagar a eterna dívida pública. Na pauta ambiental, parte da sua política foi para atender ao agronegócio e as mineradoras, como o decreto de privatização dos rios da Amazônia e a Lei de Licenciamento Ambiental que enfraqueceu a fiscalização dos órgãos públicos (IBAMA, FUNAI, ICMBIO).

No avanço brutal dos feminicídios e da misoginia, o nosso balanço é de que o governo não operou com força para reverter a situação, a começar pelas verbas que não foram aplicadas integralmente, pois precisamos de mais casas e programas de apoio às mulheres vítimas da violência, de mais delegacias, avançar com o projeto de educação sexual nas escolas com perspectiva de gênero.

Sendo assim, as candidaturas da Esquerda Independente estão nas ruas para debater um programa socialista e revolucionário que atenda às necessidades da classe trabalhadora: combater o tarifaço de Trump nas ruas! Redução da jornada de trabalho sem redução de salários. Fim de 6x1! Jornadas 4x3 e 36h semanais. Basta de feminicídios,



pela criminalização da misoginia e prisão dos red pills. Educação sexual com perspectiva de gênero! Verbas para proteger as mulheres. Aborto legal, seguro e gratuito! Em defesa dos direitos LGBTQIAPN+! Cotas para pessoas trans! Emergência Climática Já! Revogação do Marco Temporal! Fim do Plano Safra! Demarcação das terras indígenas! Não à privatização dos rios, à Ferrogrão e à exploração de Petróleo na Amazônia! Fora Belo Sun da Volta Grande do Xingu! Proteção às comunidades indígenas, quilombolas e ribeirinhas!

Vote Mariza Deputada Federal 1660

Vote Well Governadora 16!

Confira o

“Programa operário, popular e feminista para tirar o Brasil da crise!”.



A plataforma da CST pelo voto em **HERTZ DIAS 16** e governadores e senadores do PSTU

28S: É necessário seguir defendendo o aborto legal!

RANA AGARRIBERRI - COMBATIVAS SP

Se aproxima o 28 de Setembro Dia Latino-Americano e Caribenho pela Descriminalização e Legalização do Aborto! Essa data já fincou seus pés na agenda feminista brasileira, onde nos últimos anos, têm ocorrido diversas mobilizações de peso em cidades como São Paulo e Rio de Janeiro. Em outras cidades, ativistas tem convocado atividades para discutir e disputar a opinião pública. Nós das Combativas e CST estamos convencidas de que o caminho para conquistar a legalização do aborto é nas ruas e por isso somos entusiastas e impulsionadoras das reuniões e atividades feministas, em todo país.

É necessário mobilizar para revogar o PDL 3!

A extrema-direita segue tentando disputar a sociedade brasileira, em todos os temas possíveis. Seja com as privatizações ou com o tema do tarifaço, os bolsonaristas tentam impor sua política neoliberal e reacionária. Na pauta dos direitos reprodutivos, já virou rotina que alguma parlamentar ou influencer, dê alguma declaração polêmica “pró-vida” (pró-vida de quem?), que os governos fechem ou dificultem o acesso aos serviços de aborto legal ou qualquer outra ação semelhante. O ataque mais recente foi o PDL 3, aprovado em junho de 2026, e que tem como objetivo sustar a Resolução 258 do CONANDA (Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente).

A Resolução 258 do CONANDA orientava procedimentos de acolhimento e desburocratização no acesso ao aborto legal previsto em lei (como em casos de estupro de vulnerável), dispensando exigências como boletim de ocorrência ou autorização judicial em situações específicas.

Vocalizando a extrema-direita, a Senadora Damares Alves foi a relatora do PDL 3. Utilizando-se de fake news, esse setor dizia que a resolução do CONANDA “impedia

a investigação em casos de violência sexual”, que era “uma forma de legalizar o aborto” e que a resolução “protegia os pedófilos”. Tudo isso é falso!

É necessário revogar o PDL 3 e retomar a vigência da Resolução 258/2024 do CONANDA, garantindo as diretrizes para o atendimento de crianças e adolescentes vítimas de violência sexual e garantindo o acesso ao aborto legal nos casos já previstos em lei. Mas, para isso, é fundamental mobilizar! Infelizmente, os setores progressistas parecem ter simplesmente abandonado a pauta. Em alguns momentos alegam que isso perde votos, mas que mesmo assim, devemos votar nelas/neles, porque supostamente estão comprometidas com a luta. Ora, se uma candidata (o) não levanta essa bandeira durante as eleições, não levantará após ganhar!

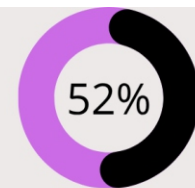
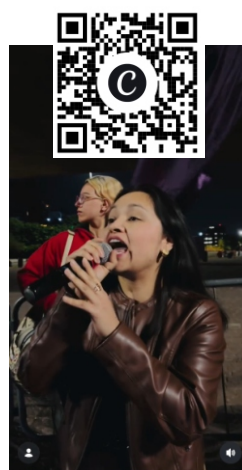
Lamentavelmente o Governo Lula se limita a dar declarações críticas, quando convém, mas não orienta sua base para revogar os ataques feitos às mulheres e outras pessoas que gestam.

Os movimentos que orbitam o lulismo seguem com a mesma atuação e não convocam mobi-

lizações para reverter esse ataque. No ato do dia 9 de junho em SP, convocado pela Frente Estadual pela Legalização do Aborto, torceram o nariz quando as Combativas exigimos que Lula, os mandatos e entidades como UNE, UBES e Centrais Sindicais convo-cassem mobilizações.

Infelizmente, não ocorreram novos protestos, sendo, portanto, ainda vigente nossas exigências!

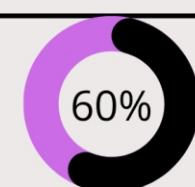
A Frente Estadual Pela Legalização do Aborto de SP já convocou o ato do dia 28 de setembro, para 18h, em frente ao MASP. As Combativas e a CST chamamos a unificar forças e ocupar as ruas nesse dia!



das pessoas que abortaram tinham

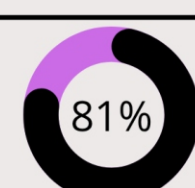
menos de 19 anos

quando realizaram o primeiro procedimento



delas já tinham

pelo menos um filho

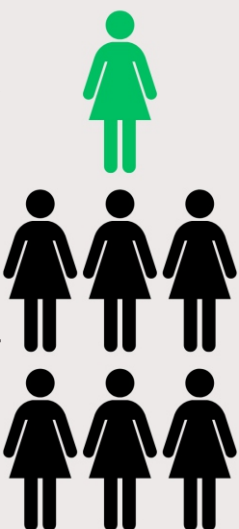


afirmam seguir

alguma religião

Fonte: Pesquisa Nacional do Aborto, 2021

Fonte: Pesquisa Nacional do Aborto, 2021



Aos 40 anos, pelo menos

1 em cada 7

mulheres já realizou pelo menos um aborto

Criminalizar a misoginia, já!



dizendo que, se for aprovado, “um homem poderá ir para a cadeia se cumprimentar uma mulher”. Ou, ainda pior, que, supostamente, o número de homens mortos por mulheres supera o número de mulheres mortas por homens! Nada disso é verdade. Esses são os grunhidos do patriarcado e da misoginia, que reclama seu “direito” aos nossos corpos e às nossas vidas! Não aceitaremos!

Derrotar a violência machista é passo

fundamental para a construção de uma outra sociedade! As Combativas seguem convencidas de que é possível construir uma nova realidade, mas, para isso, precisamos de recursos que garantam nossa segurança, exigimos políticas públicas para combater o machismo e a misoginia e reivindicamos a aprovação do PL 896 e a criminalização da misoginia! É necessário uma educação com perspectiva de gênero na LDB e PNE! As direções do movimento feminista, UNE, UBES, PT/PCdoB, CUT, parlamentares da esquerda, devem convocar um calendário de lutas para pressionar Motta e a Câmara dos Deputados!

Aprova PL da Misoginia!

Derrotar a lógica privatista no transporte sobre trilhos

ALEX FERNANDES - ATIVISTA INDEPENDENTE, OPOSIÇÃO METROVIÁRIA DE SP E DIRETOR DA FENAMETRO (FEDERAÇÃO NACIONAL DOS METROFERROVIÁRIOS)

No país, segue a sanha privatista. Entregam-se serviços públicos em geral (metrô, ferrovias, aeroportos, saúde, educação, água, saneamento básico) à iniciativa privada. E essa política está presente em governos de diferentes níveis: federal, estaduais e municipais.

Nesse contexto, metroferroviárias (os), assim como as passageiras e os passageiros dos trilhos Brasil afora, sofrem as consequências das políticas entreguistas no setor.

Privatizações do governo Lula/Alckmin

No governo Lula/Alckmin, em março de 2023, foi privatizado o Metrô de Belo Horizonte (MG). No final do governo Bolsonaro, em dezembro de 2022, foi iniciado o processo de concessão da CBTU, empresa federal que administrava o Metrô de BH. Mesmo diante das promessas feitas por Lula durante a campanha, o governo não foi capaz de cancelar o processo e tampouco de garantir os empregos da categoria metroviária. Essa lógica continua. Metroviárias e metroviários de Porto Alegre, na Trensurb, e de Recife, na CBTU, estão em constante luta para garantir um transporte público de qualidade e seguro para a população, enquanto o governo mantém essas empresas no Programa Nacional de Desestatização (PND), deixando-as sob ameaça de privatização.

Privatizações da extrema direita

Em SP, o governo Tarcísio da extrema direita, entrega a malha metroferroviária paulista. Está avançando na privatização da CPTM e pretende avançar também sobre o Metrô.



Tarcísio está destruindo serviços públicos em todo o estado. Privatizou a Sabesp, empresa responsável pelo abastecimento de água e saneamento, e promove privatizações e concessões nas áreas de educação, rodovias e saúde.

No Distrito Federal, o governo Ibaneis Rocha, possui um projeto de concessão do Metrô-DF, enfrentado pela categoria metroviária, que também realiza constantes mobilizações.

Concessão é outro nome da privatização

Hoje, procuram substituir o nome “privatização” por “concessão”, por meio do programa de Parcerias Público-Privadas (PPP), regulamentado pela Lei Federal nº 11.079/2004, aprovada no final do primeiro governo Lula, em 2004, com a participação de Fernando Haddad na equipe econômica. São Paulo possui sua própria legislação sobre PPPs, a Lei nº 11.688/2004, sancionada pelo então governador Geraldo Alckmin em 2004.

Sendo assim, a lógica de privatização e concessão da malha metroferroviária está presente em diferentes governos, tanto no governo Lula/Alckmin, com sua frente ampla, quanto nos governos estaduais da direita bolsonarista, representados por Tarcísio e Ibaneis.

Só a luta pode derrotar a privatização

Nesse sentido, não devemos criar expectativas nas eleições que se aproximam. Será necessária muita mobilização e luta em defesa do transporte público estatal e de qualidade.

As consequências das privatizações recaem diretamente sobre as trabalhadoras e os trabalhadores, que sofrem com o desemprego, a precarização, o aumento das tarifas e a falta de segurança no sistema.

Em São Paulo, as inúmeras falhas, acidentes, explosões e até a morte de trabalhador ferroviário em empresa privada demonstram o descaso de empresários que priorizam o lucro. Em Belo Horizonte, a tarifa sofreu aumentos e houve redução do quadro de trabalhadores, contribuindo para a piora do atendimento à população.

Os governos sucateiam e degradam as empresas públicas para depois entregá-las à iniciativa privada, submetendo trabalhadoras e trabalhadores a níveis assustadores de exploração através das terceirizações, que resultam em salários mais baixos e condições indignas de trabalho. A maioria das empresas terceirizadas utiliza escalas como a 5x1, análogas a escala 6x1, que continua sendo uma realidade imposta para milhões de trabalhadores.

Ao mesmo tempo, não são realizados concursos públicos em número suficiente para garantir a recomposição dos quadros e a qualidade na prestação dos serviços.

Precisamos de novas direções

Porém, essa lógica privatista precisa acabar. Para isso, a classe trabalhadora precisa se libertar das dire-



ções sindicais burocráticas e entreguistas. Será necessário forjar novas direções políticas capazes de impulsionar as lutas e derrotar a ofensiva dos governos e dos patrões contra os direitos e as conquistas do povo.

As grandes centrais sindicais, como CUT e CTB, precisam romper com o governismo e sair do imobilismo para impulsionar a resistência da classe trabalhadora, especialmente diante do avanço da extrema direita no país.

Os partidos oriundos dos movimentos sociais, como PT, PCdoB e PSOL, também precisam romper com o oportunismo eleitoral e com as alianças que colocam os interesses dos trabalhadores em segundo plano.

A classe trabalhadora tem disposição para lutar por seus direitos e contra qualquer ameaça golpista e autoritária da extrema direita. Não será por meio da conciliação que avançaremos. A categoria metroferroviária já demonstrou sua capacidade de luta quando foi chamada a defender seus direitos e o transporte público.

Para derrotar as privatizações será necessária uma grande unidade entre sindicatos, centrais sindicais, partidos de esquerda e movimentos sociais.

É necessário construir uma greve geral, unificando as categorias e suas pautas, para barrar os ajustes fiscais do governo Lula/Alckmin, enfrentar as ameaças da extrema direita e lutar contra o feminicídio, o racismo — que atinge principalmente a população negra e pobre — e a LGBTfobia, que coloca o Brasil entre os países com elevados índices de assassinatos de pessoas trans e travestis.

Só a mobilização e a
GREVE GERAL
com a unidade da
classe trabalhadora,
serão capazes de
mudar os rumos
políticos do país e
garantir.

Fim do ajuste fiscal e revogação do arcabouço fiscal;

Fim das privatizações, concessões e terceirizações;

Reestatização das empresas privatizadas;

Revogação das reformas trabalhista e previdenciária

Realização de concursos públicos para recomposição dos quadros nas empresas e serviços estatais;

Aumento real do salário mínimo e fim da escala 6x1.

Sobre o programa de governo da camarada Samara Martins (UP)

CLAUDIA GONZALES E APÉU OLIVEIRAS - COORDENAÇÃO DA CST

Estamos diante de três candidaturas à esquerda da Frente Ampla de Lula/Alckmin. A CST defendeu uma frente da esquerda, mas a proposta não foi aceita. Como parte desse esforço, dialogamos e/ou entrevistamos camaradas do PCB, PSTU, UP, PCBR, MRT e SOB. Atuamos com o MFSR, Plínio, Dirlene e Renato Cinco. Infelizmente, forças da esquerda do PSOL, como MES, Fortalecer e APS, assim como Jones Manoel, ficaram com Lula. Primou a dispersão da esquerda. A CST apoia a campanha de Hertz, do PSTU. Aqui dialogamos com as propostas da camarada Samara Martins, da UP, com a qual temos lutas em comum. A CST concorda com o aumento de 100% do salário mínimo, o fim da escala 6x1, o combate aos imperialismos, o fim do vestibular, entre outros temas. A seguir, apresentamos nossa crítica às limitações dessa proposta.



O que fazer com a dívida externa e interna?

As camaradas Samara e a UP defendem a “suspensão imediata do pagamento de juros e amortização da dívida pública, seguido de processo público de auditoria”. A ideia é canalizar recursos para o povo trabalhador, com a qual concordamos. Porém, é preciso responder: o que vem depois da auditoria? A suspensão é temporária, durante o período da “auditoria”. Podemos provar que a maioria dos contratos é fraudulenta, mas isso levaria a uma renegociação da dívida, aceitando uma parte “legal” que continuaria sendo paga. Foi o caso do Equador, que realizou auditoria e renegociação, cancelando 70% dos contratos em 2009. Em pouco tempo, a dívida voltou a crescer. A experiência comprova que essa proposta é insuficiente: após um breve fôlego, as engrenagens do capitalismo levam a uma nova explosão da dívida. Não podemos aceitar a lógica de uma parte “ilegal”, a ser cancelada, e outra “legal”, a ser paga. Isso significa continuar bancando a farra dos bancos. A dívida é ilegal, ilegítima e impagável. Devemos impor o não pagamento da dívida. Mas o programa de governo da UP não prevê isso.



O fim da PM e a legalização das drogas

O programa de Samara e da UP faz uma correta denúncia da violência

policial. Defende a desmilitarização da PM, o fim da “guerra às drogas” e medidas de democratização da segurança pública. Porém, a UP não defende o fim da PM nem a legalização das drogas. O fim imediato da PM é uma medida fundamental contra o aparelho repressivo do Estado burguês. Por outro lado, é insuficiente defender o “fim da guerra às drogas” sem o contraponto direto e mais eficaz: a legalização das drogas. Infelizmente, a UP é contra essa bandeira democrática, associando o consumo de drogas a uma suposta “alienação” e à “queda da moral revolucionária”, de forma conservadora. A CST defende o desmantelamento do aparato repressivo: fim da PM, da Polícia Civil, Força Nacional e PRF, articulado ao fim das operações militares nas favelas. Defendemos a legalização das drogas, vinculando essa medida ao combate ao encarceramento racista da juventude negra e a uma perspectiva de ruptura com a política repressiva do Estado burguês.

O controle operário

Samara defende a reestatização de empresas privatizadas e o “controle público” dos setores estratégicos, mas sem defender que estejam sob controle da classe trabalhadora. A exceção é o setor bancário, onde propõe “controle do Estado e gestão dos trabalhadores”. Uma formulação confusa, que expressa sua negativa em defender o controle operário. Somos a favor da reestatização, mas sob controle da classe trabalhadora. Por quê? Para atacar a propriedade capitalista e avançar na democracia operária. Isso é fundamental para qualquer plano econômico da classe trabalhadora, por meio de assembleias nos locais de trabalho e conferências nacionais. Essa perspectiva nos diferencia de governos burgueses, que também realizam reestatização diante da crise das privatizações.

A expropriação dos ramos estratégicos da economia

A UP defende uma reorganização nacional baseada na “soberania popular”, participação popular e propriedade “social”, sem explicitar o caráter de classe. Dizem “que a riqueza produzida pelo povo brasileiro esteja a serviço do próprio povo e que o planejamento da economia seja democrático e popular”. É problemático enfatizar a “população” em geral, pois nela estão várias classes, inclusive setores da burguesia. O caráter “democrático e popular” expressa essa ambiguidade de classe. Além disso, não há ênfase nas expropriações sem indenização. Termos vagos como “nacionalização” deixam margem para a atuação de capitalistas nacionais. No setor industrial, propõem a “encampação pelo Estado de plantas industriais em processo de falência”, sem atacar os grupos que não estão em falência. A “encampação” implica tomar posse mediante indenização, o que é errado.

A CST defende a expropriação das multinacionais e dos monopólios para assegurar salário e emprego, por um governo da classe trabalhadora, sem patrões.

Explicar o papel da frente Ampla de Lula/Alckmin

O programa da UP faz uma crítica genérica ao atual mandato da Frente Ampla de Lula. Essa identificação aparece diluída, predominando expressões genéricas como “Governo Federal”. A referência direta a Lula aparece na seção sobre privatizações: após criticar os governos de FHC, afirma que “o atual governo Lula seguiu a política de concessões e parcerias público-privadas (PPPs)”.

Em outros momentos, o programa prefere uma denominação institucional. Na página 11, afirma que “o atual Governo Federal aprovou o chamado Arcabouço Fiscal”, sem mencionar Lula. Por fim, a redação sobre a Frente Ampla é branda, como na área dos transportes, ao afirmar que “o governo federal também tem culpa no cartório” sobre privatizações.

A responsabilização de Lula significa definir o responsável pelas políticas do atual governo contra o qual lutamos. Um programa que denuncia o Arcabouço Fiscal, PPPs, privatizações e outras medidas do governo deve fazer uma crítica contundente. Por isso, a CST considera equivocado secundarizar o combate à Frente Ampla de Lula/Alckmin.



As candidaturas fora da Frente Ampla devem combater o bolsonarismo e a velha direita, mas também explicar a política de traição de classes lulista. Essa delimitação com o lulismo é negligenciada no programa da UP. Da mesma forma, não há menção aos pelegos das direções majoritárias da CUT, CTB, Força Sindical, MST, MTST. Nas eleições, disputamos a classe trabalhadora e a juventude e precisamos explicar o papel nefasto dessas direções. E umas das nossas propostas, para além das eleições, é a retomada de um espaço comum impulsionado pela UP, como foi a Articulação Povo na Rua. Esperamos seguir esse diálogo com os camaradas da UP.

Aos 100 anos da oposição unificada na ex-URSS (1926-2026): a luta contra a burocracia stalinista

Parte II: o surgimento e a plataforma da oposição unificada

JOÃO SANTIAGO - DIREÇÃO DA CST NO PARÁ

Neste número do Combate veremos como se deu o surgimento da oposição unificada e sua plataforma política para combater a burocracia stalinista.

Surge a Oposição. Fato histórico: Trotsky, Zinoviev e Kamenev se reconciliam

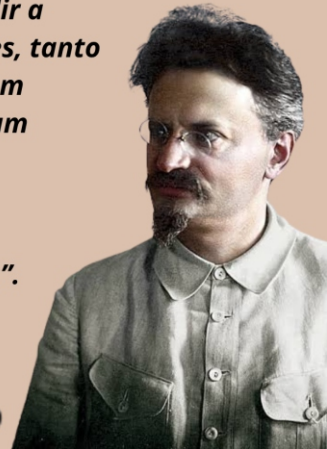
A batalha contra a fração stalinista que começou no XIV Congresso do Partido, em dezembro de 1925, com Zinoviev, Kamenev, Sokolnikov e Krupskaya (viúva de Lênin) se opondo à tese do socialismo num só país, contra os kulaks e liberdade de discussão no partido, ganha um novo capítulo em janeiro de 1926, quando Trotsky vota contra as perseguições a Zinoviev e seu grupo em Leningrado. Mas é em abril de 1926 que dá um salto de qualidade quando Trotsky vota a favor de uma emenda de Kamenev no Comitê Central para conter o crescimento da agricultura capitalista e os kulaks.

Esse fato os reaproximou no Comitê Central e passaram a traçar estratégias conjuntas contra o poder da burocracia. Essa reaproximação, que vai dar origem à Oposição Unificada, é um fato histórico só comparável à revolução de Outubro de 1917 na Rússia.

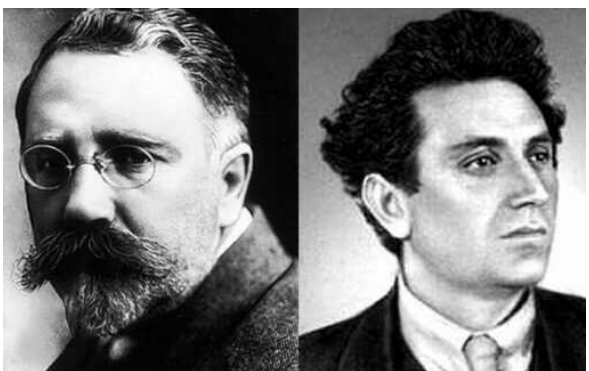
Trotsky, Kamenev e Zinoviev não se falavam desde o ano de 1923, quando os últimos apoiaram Stálin se juntando a este para derrotar Trotsky e a Oposição de Esquerda. Trotsky narrou assim essa reaproximação da oposição:

“Zinoviev e Kamenev reconheceram abertamente que os ‘trotskistas’ haviam tido razão na luta de 1923 contra eles próprios. Ambos adotaram as bases da nossa plataforma. Nestas condições não podíamos repelir a aliança com eles, tanto mais quanto, em Leningrado, eram apoiados por milhares de trabalhadores revolucionários”.

X. Trotsky



A partir daí foram feitas inúmeras reuniões e articulações, sempre clandestinas, devido à vigilância severa da burocracia, que vai culminar na plataforma unificada a ser apresentada ao Comitê Central de forma oficial.



Lev Kamenev e Grigori Zinoviev

Plataforma da Oposição Unificada: A Declaração dos 13

Em julho de 1926, na sessão conjunta do Comitê Central e da Comissão de Controle Central, Trotsky lê a Declaração dos 13. Este vai ser o dia D da proclamação da Oposição Unificada.

Podemos dizer que a Declaração (com seus 12 tópicos) se divide em dois eixos: o primeiro, e central, é a luta contra a burocratização do partido e do Estado soviético; o segundo são os problemas econômicos e políticos, igualmente influenciados pelo papel da burocracia stalinista.

O primeiro ponto é categórico: “o

burocratismo é a fonte do faccionalismo” no partido; o segundo ponto analisa a causa do crescimento do burocratismo, o ponto 6 fala das deformações burocráticas no Estado Operário, já o 7 trata das deformações burocráticas no aparelho do partido e o item 8 analisa o burocratismo e o cotidiano dos trabalhadores de base.

O segundo eixo da Declaração trata das questões econômicas e políticas enfrentadas pelos trabalhadores e camponeses, e os dilemas do próprio partido na construção do socialismo, tais como os problemas

salariais (ponto 3), a questão da industrialização (ponto 4), as políticas para o campo, principalmente o combate ao kulak e o apoio aos camponeses pobres (ponto 5), a questão da paz e a relação com os trabalhadores de outros países, sem semear ilusões nos dirigentes reformistas ingleses que traíram a greve geral operária de 1926 (ponto 9), o papel do Comintern e a política da Internacional (ponto 10), principalmente rechaçando a tese do “socialismo num só país”; um tópico (11) sobre a facção majoritária que controla o partido e usa de todos os métodos para destruir o regime normal da democracia partidária.

E, por fim, um último tópico (12) chamando a unidade partidária e reivindicando a democracia: “Propomos que...restabeleçamos no partido um regime que permita que todas as questões controversas sejam resolvidas em plena conformidade com todas as tradições do partido e com os sentimentos e pensamentos da vanguarda proletária”.

A Declaração dos 13 foi assinada por: L. Trotsky, L. Kamenev, G. Zinoviev, , Pyatakov, G. Yevdokimov, A.D. Avdeiev., M. Lashevich (membros do Comitê Central) e N. Krupskaya, , M. Bakaev, G. Lizdine, N. Mouralov, A.A Peterson, K.S Soloviev

(membros da Comissão de Controle).

Outros nomes de peso da velha guarda bolchevique, militares da guerra civil e intelectuais do partido se somaram à oposição como Preobrazhenski, Serebriakov e Krestinski, e dez dos dezoito sobreviventes do Comitê Central de março de 1919; Badaiev, Antonov-Ovseenko, Lashevich, Muralov e os grandes comissários Ivan Nikitich Smirnov, que derrotou Kolchak; Mrachkovski e Smilgá, organizador do partido na frota do Báltico; Preobrazhenski, Piatakov e Smilgá, teóricos e economistas do partido; Rakovski e Yoffe.

No próximo número veremos como foram os 18 meses de existência da Oposição Unificada e seu esmagamento pela burocracia stalinista.



Notas:

1 Isaac Deutscher. Trotsky: O profeta desarmado, 1921-1929. 2ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984, pág. 262. Contra-informe de Zinoviev para o XIV Congresso.

2 Isaac Deutscher, idem, pág. 282.

3 Leon Trotsky. Minha Vida. 2ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978, pág. 431.

4 wikirouge.net/textos/en/Declaração dos Treze. Julho de 1926. Plenum do CC e da CCC do Partido Comunista da URSS (b).

5 Pierre Broué. Trotsky. Paris: Fayard, 1988, pág. 483.

6 Pierre Broué. O Partido Bolchevique. São Paulo: Editora Sunderman, 2014, pp. 224-225.

LIBERDADE PARA HUSSAM ABU SAFIYA E TODOS PRESOS PALESTINOS!

Lorena Fernandes – Coordenação da CST



A história do pediatra palestino Hussam Abu Safiya é uma que vale ser contada. No norte da Faixa de Gaza, ele dirigia o Hospital Kamal Adwan, um dos últimos hospitais que ainda resistiam em meio à destruição provocada pelos ataques israelenses. Ali, recebia diariamente crianças, bebês e famílias inteiras gravemente feridas pelos bombardeios.

Em outubro de 2024, seu próprio filho, Ibrahim, foi morto durante um ataque israelense ao complexo hospitalar. Mesmo diante da morte do filho e da destruição ao seu redor, Hussam permaneceu no hospital, ao lado de seus pacientes e dos demais trabalhadores da saúde.

Em 27 de dezembro de 2024, as forças de ocupação israelenses invadiram o Kamal Adwan, retiraram o hospital de funcionamento e prenderam Hussam Abu Safiya, sob a velha acusação de ligação com o Hamas. Desde então, ele permanece encarcerado pelo Estado Nazi-Sionista de Israel sem acusação formal e sem julgamento.

Os relatos sobre sua prisão são brutais. Hussam denunciou ter sido despido e obrigado a ficar sentado em pedras pontiagudas por horas, além de ser espancado, submetido a interrogatórios prolongados e colocado em prisão solitária. Organizações de direitos humanos também denunciam privação de alimentação adequada, atendimento médico e períodos prolongados de isolamento. Sua saúde se deteriorou gravemente durante o cárcere.

Seu caso provocou uma campanha internacional por sua libertação. Anistia Internacional, Front Line Defenders, Health Workers 4 Palestine e especialistas e organismos ligados às Nações Unidas estão entre os que denunciaram sua situação e exigiram garantias para sua integridade e liberdade. No Brasil, entidades como SindSaúde-SP, Simesp e Sindsprev de São Paulo também se somam à campanha.

Mas Hussam não é um caso isolado. Sua prisão é parte da violência sistemática imposta ao povo palestino pelos nazistas de Israel. Milhares de palestinos permanecem nas prisões israelenses, muitos submetidos à detenção sem acusação ou julgamento, enquanto se multiplicam denúncias de tortura, espancamentos, fome, humilhações e violência sexual contra os presos.

Por isso, nos somamos à campanha internacionalista pela liberdade de Hussam Abu Safiya e de todos os presos palestinos. Não podemos permanecer em silêncio diante do genocídio e da perseguição ao povo palestino, nem aceitar que o governo Lula continue mantendo relações políticas, econômicas e militares com Israel.

Liberdade imediata para Hussam Abu Safiya e todos os presos palestinos!

Pela ruptura imediata de todas as relações do Brasil com Israel!

Palestina livre, do rio ao mar!

VEM PRA CST: ORGANIZAÇÃO SOCIALISTA REVOLUCIONÁRIA INDEPENDENTE!

 CSTUIT.COM
  [@CST_UIT](https://twitter.com/CST_UIT)

 [@JUVENTUDEVAMOSALUTA](https://www.instagram.com/JUVENTUDEVAMOSALUTA)
 [@JUVAMOSALUTA](https://twitter.com/JUVAMOSALUTA)

**AJUDE A FINANCIAR UM
JORNAL OPERÁRIO E
INTERNACIONALISTA!**

CHAVE: 91 98745 6186

